



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1167

CULTURA, RELIGIOSIDADE E FESTA: OS FESTEJOS EM HONRA AO DIVINO NA CIDADE DE PONTA GROSSA/PR¹

Vanderley de Paula Rocha²
(PPGH/UEPG)

Resumo: Esse trabalho problematiza os festejos em honra ao Divino Espírito Santo na cidade de Ponta Grossa/PR. De acordo com os registros, 1882 é a data de início desses nesta cidade, quando segundo a tradição, foi encontrada a imagem da representação do Divino Espírito Santo, uma pomba de asas abertas, gravada em um pedaço de madeira, por Maria Julio Cesarino Xavier e, até os dias de hoje continuam sendo realizados. Procuramos entender o movimento devocional por meio da festividade religiosa e identificar a relação que a Igreja Católica estabeleceu com essas práticas. Utilizamos como fontes jornais, ex-votos e folhetos de divulgação dos festejos. Amparados nos conceitos de Táticas/Estratégias de Michel de Certeau e Representação de Roger Chartier, compreendemos que é, através dos festejos, que os indivíduos, considerados devotos do Divino, estabelecem ligação com o transcendente, ao mesmo tempo em que fazem desses um momento de sociabilidade. Percebemos que a “Casa do Divino”, espaço onde ocorrem às celebrações dedicadas ao Espírito Santo em Ponta Grossa possui significativa importância para os devotos, pois é considerado um “lugar sagrado”. Por fim, compreendemos que os festejos no decorrer dos anos foram apropriados pela Igreja Católica que, efetivamente, determinou os espaços de ocorrência e as formas de expressão desses, remete, portanto, para o entendimento do exercício dos poderes estabelecidos, do reconhecimento de papéis sociais, das hierarquias.

Palavras chave: Festejos; Divino; Devoção; Igreja Católica.

Introdução

As atividades religiosas em homenagem ao Divino Espírito Santo que foram realizadas na cidade de Ponta Grossa tiveram início em 1882, quando Dona Maria Julia Cesarino Xavier encontrou em um olho d’água uma imagem do Divino Espírito

¹ Este trabalho tem financiamento da CAPES/Fundação Araucária e orientação da Professora Doutora Maura Regina Petruski docente do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História, Cultura e Identidade da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

² Bacharel, Licenciado em História (UEPG); Especialista em História, Arte e Cultura (UEPG); atualmente é mestrando em História, Cultura e Identidades pelo PPGH/UEPG.

Santo (pomba³ de asas abertas). Essa senhora possuía sessenta anos, sofria de problemas mentais e falta de memória. Ao sair de sua casa em direção a cidade de Castro, passando pela atual cidade de Carambeí perdeu-se sem conseguir descobrir o caminho para retornar à cidade de Ponta Grossa, então, parou para beber água em um olho d'água e viu a imagem gravada em um pedaço de madeira imerso na água⁴, acredita-se que essa imagem teria sido esquecida ou perdida por algum bandeirante⁵ ao passar pela região.

Após ter encontrado a imagem, Dona Maria Xavier tocou-a e, de joelhos, rezou fervorosamente, em seguida, sentiu-se curada, inclusive recobrando a memória. Voltou para cidade de Ponta Grossa e com o seu retorno, a notícia de sua cura se espalhou entre amigos e familiares. Dona Maria começou a recolher quadros de santos das mais variadas denominações, também passou a juntar dinheiro para construir uma capela para o Divino Espírito Santo. Mas, foi vítima de roubo, e por esse fato decidiu construir um altar em uma das salas de sua casa, para que a imagem fixada em um ostensório ficasse exposta para o grupo de amigos e familiares que passaram a frequentar o local. A partir de então, passou a realizar novenas, rezas e festa em honra ao Divino Espírito Santo.

Entre 1882 a 1917 as práticas devocionais em honra ao Divino em Ponta Grossa se concentravam em âmbito familiar e entre amigos. Eram realizadas novenas, procissões com as bandeiras nas residências próximas da “Casa do Divino” e a festa no domingo. Para o historiador Euclides Marchi, o início das devoções constituía-se numa manifestação pessoal ou de âmbito familiar “eram encontros para rezas, novenas em ação de graças ou pedir bênçãos específicas”⁶.

³ O criador é representado sob a forma de uma ave. No caso do Cristianismo João Batista viu como o Espírito Santo se apresentou a Jesus em forma de pomba. É importante ressaltar que no Cristianismo, o simbolismo animal representa um papel importante. Três dos evangelistas tem emblemas de animais: São Lucas, o boi; São Marcos, o leão e São João, a águia. O próprio Cristo aparece simbolicamente como o Cordeiro de Deus.

⁴ **Jornal Diário dos Campos.** Divino de Ponta Grossa vai completar 100 anos. Ponta Grossa, 28 de janeiro de 1979. p.06.

⁵ Os bandeirantes eram homens que partiam em direção ao interior do Brasil com o objetivo de capturar índios para o trabalho nas lavouras. À frente desses homens seguindo um costume dos índios tupis erguia-se uma bandeira em sinal de guerra, e por isso ficaram conhecidos como bandeirantes.

⁶ MARCHI, Euclides. **O mito do Brasil católico: Dom Sebastião Leme e os contrapontos de um discurso.** Revista de História: Questões e Debates. Curitiba:UFPR, n. 28. p.p. 55-74, 1998.

Desde o ano de 1882, até sua morte em 1917, com seus noventa e cinco anos, Dona Maria trabalhou recolhendo quadros de santos e objetos trazidos por devotos que até hoje fazem parte do acervo religioso da casa. Foi a partir de 1917 que a Casa do Divino passou a receber além de amigos e familiares outros devotos, de municípios e estados diversos. Com o falecimento da precursora do Divino em Ponta Grossa neste mesmo ano, a Casa do Divino passou gradativamente por quatro gerações. Familiares que deram continuidade a essa cultura religiosa na cidade⁷. Atualmente a responsável pela casa é Lídia Hoffmann. E foi pela manutenção desse espaço de religiosidade em Ponta Grossa que o mesmo veio a se tornar um “templo de peregrinação”, considerado pelos devotos do Divino, um “lugar sagrado”.

Os lugares considerados sagrados compõem a materialidade do divino, pois reúnem aspectos físicos que orientam as experiências religiosas. Esses espaços onde as manifestações religiosas acontecem, passam a ser considerados pelos praticantes dessas manifestações como um lugar especial, de profunda e intensa emancipação espiritual, um local onde os devotos fiéis buscam o desenvolvimento de sua espiritualidade⁸.

A configuração física religiosa transmite mensagens, ou seja, o que uma determinada cultura religiosa busca no sagrado. Assim, as formas da “arquitetura religiosa” podem vir a transmitir o que está para além de suas estruturas. A base estrutural desses espaços facilita o contato entre o mundo humano com o mundo sagrado. Nesta perspectiva, de ir a até a capela ou a um espaço sagrado significa ir até o santo, atribuindo assim, mais solenidade ao ato religioso.

Muitas são as culturas religiosas que estabelecem lugares como sagrados. O cristianismo, por exemplo, considera como espaços sagrados: capelas, igrejas, santuários, templos, entre outros. Espaços que passam a abrigar símbolos e o grupo que segue a doutrina dessa cultura religiosa. Esses espaços têm o papel de integrar e também de identificar os seguidores de uma determinada religião. Através desses lugares, os fiéis se sentem inseridos em uma esfera religiosa e passam a praticar sua religiosidade em conjunto. A manutenção do lugar sagrado favorece a noção de

⁷ Redação. Divino em Ponta Grossa vai completar 100 anos. Jornal: **Diário dos Campos**. Ponta Grossa. 28 de janeiro de 1979, p.06.

⁸ GIL, Silvio Fausto. **Espaço de representação e territorialidade do sagrado**: notas para uma teoria do fato religioso. O Espaço Geográfico em Análise, Curitiba, v. 3, n 3. p.p. 91-129. 2005. p. 100.

que os indivíduos partilham uma identidade comum, um sentimento de integração e de comunidade religiosa⁹.

No que se refere aos lugares sagrados no “catolicismo popular”, pode-se destacar as capelinhas, alguns túmulos¹⁰, certas casas, espaços que se tornam “ponto de peregrinação”. Esses espaços são lugares de memória de determinadas devoções, é onde os devotos materializam seus sentimentos e valores religiosos, ou ainda, espaços que se confundem com a devoção¹¹. Esses lugares tidos como sagrados também são ponto de encontro dos devotos, onde se troca informações, faz amizades, compra-se artigos devocionais, paga-se as promessas e reza-se para o santo de devoção. Fatores que passam a contribuir na propagação e manutenção tanto da devoção, quanto desses espaços.

É nesse contexto que se insere o imóvel da Rua: Santos Dumont nº: 524, em Ponta Grossa, conhecido como “Casa do Divino”, espaço que se tornou “ponto de peregrinação” na cidade, devido ao culto em honra ao Divino Espírito Santo. A referida casa foi construída em 1840. Antes desse espaço se tornar um “lugar sagrado”, abrigou a princípio uma leiteria e mais tarde uma hospedagem para aqueles que não tinham lugar para pernoitar na cidade.

A “Casa do Divino” em Ponta Grossa atualmente recebe de 30 a 50 pessoas por dia, nesse espaço esses fiéis legitimam sua comunidade, ao mesmo tempo, em que buscam nessa edificação um “contato” com o mundo sagrado. A “Casa do Divino”, portanto, passa a ser o “elo” entre o devoto e Deus, tem a função de manter viva essa devoção na cidade, pois esse espaço fortifica as relações sociais dos

⁹ São muitos os lugares tidos como sagrados: casas de rezas indígenas, igrejas dos cristãos, mesquitas islâmicas, sinagogas dos judeus, terreiros de candomblé e umbanda, entre muitos outros. Esses lugares são classificados como espaços construídos pela ação humana. No que se refere aos lugares sagrados da natureza podem ser destacados: rios, como o Rio Ganges na Índia, considerado sagrado pelos hinduístas. Árvores: como a Baobá, considerada sagrada pelos candomblecistas. Caminhos, como Santiago de Compostela. Algumas cidades também são consideradas sagradas para algumas culturas religiosas, tais como: Jerusalém, em Israel e Machu Picchu, no Peru (GIL, Fausto. Op. cit. p. 108).

¹⁰ Em Ponta Grossa um exemplo de túmulo considerado um “lugar sagrado” é o de Corina Portugal, localizado no Cemitério São José. Esse túmulo abriga o corpo de uma mulher assassinada pelo seu esposo Alfredo Marques de Campos com 32 facadas em 26 de abril de 1889. O caso teve grande repercussão na cidade, característica que fez os antigos habitantes da cidade elevá-la à condição de santa, contudo, sua santidade não é reconhecida pela Igreja Católica. (PETRUSKI, Maura R. **Eu oro, Tu oras, Eles oram para Corina Portugal**. Revista Brasileira de História das Religiões/ ANPUH. N. 12. Janeiro de 2012).

¹¹ SCHNEIDER, Marília. **Memória e História: misticismo, santidade e milagre em São Paulo**. São Paulo: T. A Queiroz, 2001. p. 129.

devotos, porque estando reunidos além de louvar o Divino, conversam, compram artigos devocionais, situações que contribuem na manutenção de suas afinidades. E é neste espaço que ocorrem os festejos dedicados ao Divino.

A Festa do Divino

Cada comunidade religiosa possui uma grande variedade de festas. São momentos em que os membros se reúnem com alegria para pedir por graças, ou agradecer pelas que foram alcançadas. A festa do Divino não tem data certa para acontecer, assim é comemorada cinquenta dias após a Páscoa, tornando-se cíclica e móvel. Segundo Martha Abreu, quando a festa do Divino foi “transportada” para o Brasil manteve sua tradição em várias regiões, mas principalmente em regiões interioranas. Para a autora, as regiões urbanas desligaram-se dos costumes considerados ultrapassados¹².

Essa festividade é carregada de elementos simbólicos, que variam de acordo com a região dos festejos. Os mais expressivos são: a coroa, o cetro e a bandeira. A coroa e o cetro, no ritual religioso servem para coroar os devotos que fazem promessas ao Divino. A bandeira é considerada o principal símbolo dessa devoção, é usada para abrir caminho nas procissões e geralmente é carregada pelos festeiros mais antigos da irmandade. A pomba está estampada na bandeira e modelada na ponta do mastro, onde fitas são penduradas, compondo os ex-votos¹³. A bandeira para os devotos é o maior símbolo da devoção, possui “dons especiais”, tais como: medicinais e preventivos¹⁴. Por isso, é comum, os devotos se cobrirem com as bandeiras, ou tirarem fotos com elas, representando o pedido de proteção. Essas fotos são tiradas principalmente em dias de festa.

Os símbolos do Divino são tão importantes que, a festa se inicia com orações dedicadas a eles, os quais possuem lugar de destaque na casa do festeiro, ficam sobre um altar, com toalhas vermelhas e brancas, muitas velas acessas e

¹² ABREU, Martha Campos. **O império do Divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900). 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999. p. 61.

¹³ Os ex-votos são objetos depositados em capelas, santuários, igrejas, enfim em lugares sagrados, após a graça ou pedido alcançado. No entanto, é possível encontrar, nos mais variados “templos” objetos que antecedem os pagamentos de promessa (OLIVEIRA, José Cláudio de. **Ex- votos do Brasil**: Fragmentos da riqueza, diversidade e curiosidade da religião do povo. UFBA: Salvador. 2008. p. 6).

¹⁴ ABREU, Martha. Op.cit. p.57.

inúmeros quadros de santo compondo o Império¹⁵ da devoção ao Divino Espírito Santo.

Na festa em honra ao Divino, na maioria das vezes, são as mulheres as responsáveis pela organização do espaço para as celebrações. São elas também que comandam a reza e mantêm esses espaços de devoção abertos¹⁶. Essa questão se reflete na cidade de Ponta Grossa onde quem deu início a essa devoção na cidade foi uma mulher, Dona Maria Xavier (1882-1917) e quem deu continuidade à essa tradição religiosa foram outras quatro: Zepherina Ribeiro (1917-1957), Edy Ribeiro Chaves (1957-1996) e Lídia Hoffmann (1996 até os dias atuais).

As festas em honra ao Divino Espírito Santo em Ponta Grossa foram realizadas em dois momentos entre os anos de 1882 e 1910 e com sua reedição no ano de 2003¹⁷. Durante noventa e seis anos a festa deixou de ser realizada, por vários motivos: o envelhecimento de Dona Maria, com isso já não possuía mais ânimo para a festividade, o desinteresse da população, questões financeiras, pois a realização da festa necessitava de dinheiro, entre outros motivos.

O programa da festa do Divino em Ponta Grossa no seu início contava com: novenas, orações, procissões das bandeiras e a festa no domingo de Pentecostes. No entanto, infelizmente não há registros dessas festividades em seu início, fator que nos faz direcionar nossa análise para as festas realizadas a partir de 2003, quando a mesma teve sua reedição. Um dos periódicos locais noticiou o fato:

Município resgata a Festa do Divino. Acontece no próximo domingo, dia de Pentecostes a Primeira reedição da festa do Divino. A iniciativa tem como objetivo resgatar as antigas comemorações, realizadas entre os anos de 1882 e 1910 em Ponta Grossa¹⁸.

Para que a festa aconteça é necessário se preparar, assim os devotos participam das novenas que iniciam nove dias antes da festa na “Casa do Divino”, essas se desenvolvem com rezas e cânticos. De acordo com os programas das festas, estas novenas são para alcançar os dons do Espírito Santo. Desse modo, o

¹⁵ O Império é o lugar escolhido para se montar um altar em homenagem ao Espírito Santo (BRANDÃO, Carlos R. **O Divino, o Santo e a Senhora**. Rio de Janeiro: FUNARTE. p. 45. 1978).

¹⁶ Idem.

¹⁷ MEZZON, Graciela. Município resgata Festa do Divino. Jornal: **Diário dos Campos**. Ponta Grossa 3 de junho de 2003.

¹⁸ Idem.

rito se inicia com a provedora da casa, Dona Lídia, e os devotos invocando os sete dons do Espírito Santo: Sabedoria, Entendimento, Conselho, Fortaleza, Ciência, Piedade e Temor de Deus.

As novenas são compostas por rezas e cânticos. As rezas ajudam os devotos a esperarem o dia da festa, também possuem as funções de confortar e pagar as promessas. Para Marcel Mauss, “a prece é uma conversação com Deus, movimento em direção a divindade”¹⁹. As rezas sempre apresentam um padrão, é uma série de palavras que se repetem, por isso, possuem caráter ritualístico. Como um rito as rezas são tradicionais e sua principal função é fazer a ligação dos devotos com o sagrado. É o momento que os fiéis invocam o sagrado e pedem que o santo esteja sempre presente em suas vidas, conduzindo-os.

Também é necessário que ocorra o peditório, que acontece alguns dias antes da festa. Esse ritual consiste na peregrinação dos festeiros nas regiões próximas, arrecadando “esmolas” e alimentos para a festividade. Nesse ritual, os devotos saem com as bandeiras do Divino, acompanhados por cantores e músicos entoando cânticos. O dinheiro recolhido contribui na realização da festividade e as prendas para a concretização do leilão²⁰.

Outro momento das celebrações é o ritual da Missa de Pentecostes que acontece no primeiro domingo depois dos cinquenta dias após a Páscoa. Em Ponta Grossa, durante os dois primeiros anos da reedição da Festa do Divino (2003 e 2004) a Missa de Pentecostes ocorreu em frente à “Casa do Divino”, presidida por Dom Sérgio, para isso foi montado um palco. No entanto, percebemos que gradativamente Dom Sérgio foi “normatizando”, essas práticas. Assim, a missa passou a ser realizada na Igreja Matriz, onde em procissão os devotos chegam com as bandeiras após terem partido da “Casa do Divino”. Outra questão em relação à Missa foi à mudança de horário, nos dois primeiros anos a Missa ocorria no período da tarde às 15h00min, depois da festa. A partir de 2005 esse rito passou a ser realizado no período matutino às 11h00 min. Assim, ficou primeiro o religioso depois o profano. Percebemos essa “normatização” da festa como uma estratégia

¹⁹ MAUSS, Marcel. **A prece**. In: Sociologia e Antropologia. V.2. São Paulo: EDUSP. 1979.p.p.102-167.p. 117.

²⁰ Programa da Festa do Divino, 2004.

desenvolvida pelas autoridades eclesiásticas locais, no sentido de controlar esses festejos²¹.

Após o ritual da Missa, inicia-se o lado mais informal e profano da festa²². Sobre essa questão do profano e sagrado nas festas do Divino Martha Abreu afirma, que “além das missas com músicas, sermões, novenas e procissões, [são] partes importantes as danças, coretos, fogos de artifício e barracas de comidas e bebidas”²³.

Todos os anos no dia da festa os festeiros chegam a Casa do Divino por volta 6h:30min para completar a organização e ornamentação do espaço, pois esse trabalho, na maioria das vezes se inicia no dia anterior, para que as celebrações ocorram como o previsto. As festas do Divino em Ponta Grossa sempre ocorrem em um misto de sagrado e profano, pois ao mesmo tempo em que a festa conta com orações, cantos religiosos, procissões e missas em honra ao Divino, bandas músicas e barracas “de comes e bebes” completam os festejos.

Nesta perspectiva, de profano e sagrado se misturarem, no ano de 2004, a festa contou com a apresentação da Banda Lira dos Campos²⁴. E a realização de um bingo beneficente, além de apresentações culturais. Neste ano a festa passou a fazer parte da XVIII Semana de Cultura Bruno e Maria Enei e da V Conferência Municipal de Cultura²⁵. Em 2006, a festa contou com uma novidade, as novenas e a festa foram realizadas no salão paroquial da Igreja Matriz, pois a Casa do Divino se encontrava interdita para restauro²⁶.

Uma característica que se destaca na festa do Divino na cidade de Ponta Grossa é a união social, pois várias pessoas se dedicam a ajudar na organização da festa. Em 2007, Lidia Hoffmann falou sobre essa questão ao um periódico local: “Ontem uma equipe de voluntários acertou os últimos detalhes para a série de

²¹ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 46.

²² Programas da Festa do Divino dos anos de 2004, 2005, 2006 e 2007.

²³ ABREU, Martha. O império do Divino... Op. Cit. p.34.

²⁴ Essa característica de Bandas Musicais tocarem na Festa do Divino vem das primeiras festas realizadas por “Nhá Maria do Divino”, nesses anos era a “Banda do Seu Camargo” que animava tanto as festas de Sant’Ana como as do Divino. Essa banda de música foi à primeira da cidade, organizada por Joaquim José de Camargo nas últimas décadas do século XIX. (GONÇALVES. Maria Aparecida C. PINTO. Elisabete A. **Ponta Grossa um século de vida 1823-1923**. Castro. Kugler. 1983. p.32).

²⁵ Programa da Festa do Divino de 2004.

²⁶ Programa da Festa do Divino de 2006.

atividades que serão realizadas no dia de hoje”²⁷, as atividades realizadas foram à ornamentação do espaço. Em 2008, além das tradicionais barracas de quermesse a festa contou a com um almoço no salão paroquial da catedral após o rito da Missa. O valor do ingresso foi de R\$13,00²⁸.

A Praça Marechal Floriano Peixoto em frente à Igreja Matriz de Ponta Grossa tornou-se palco para a festa de 2009. Em entrevista cedida a um periódico local, Lidia Hoffmann falou sobre o fato, “Nos dois últimos anos a festa aconteceu em frente à ‘Casa do Divino’. Esse ano está sendo realizada em frente da nossa Catedral, porque vem crescendo bastante e ganhando força, com o apoio do Governo do Estado, Prefeitura e Diocese”²⁹, evidenciamos essa questão no discurso eclesialístico, quando o atual bispo se posiciona a respeito da festa do Divino, afirmando “ao inserirmos a festa do Divino na programação da Igreja estamos fazendo dela mais especial”, ou seja, seu discurso não é neutro, ao contrário, tende a impor ideologias e condutas³⁰. Nesse ano, a festa reuniu cerca de cinco mil pessoas. Também ocorreu o almoço no Salão Paroquial após a missa solene presidida por Dom Sérgio.

Uma das diferenças que podemos perceber entre as festas do Divino realizadas por Dona Maria entre os anos de 1882 e 1910 e as atuais festas ocorridas a partir do ano de 2003 é a forma de arrecadação de recursos para a realização da festividade. Em seu início esses recursos provinham dos devotos que doavam dinheiro e prendas. Com a reedição da festa, a mesma passou a contar com patrocinadores, empresas da cidade que em troca de divulgação de suas marcas passaram a contribuir com a festa³¹. Outra questão evidenciada é que com sua reedição em 2003 a festa do Divino passou a fazer parte da XVIII Semana da Cultura Bruno e Maria Enei, da V Conferência Municipal de Cultura e também dos cenáculos proporcionados pela Diocese. Fato que nos proporciona evidenciar o apoio cultural e

²⁷ Silva, Marcos. Festa do Divino espera reunir 3 mil pessoas hoje. Jornal **Diário dos Campos**. Ponta Grossa. 27 e 28 de maio de 2007.

²⁸ Redação. Festa do Divino será realizada nesse domingo. Jornal **Diário dos Campos**. 10 de maio de 2008.

²⁹ ALMEIDA, Luciana. Novena inicia preparação para festa do Divino. Jornal **Diário dos Campos**. Ponta Grossa. 24 e 25 de maio de 2009.

³⁰ ³⁰ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. Abr.1991, vol.5, no.11, p.173-191.

³¹ Programa da Festa do Divino de 2004.

o apoio da religião institucionalizada da cidade a esta festividade.

Nesse contexto de participação das pessoas, a festa do Divino desperta a união dos devotos, pois o trabalho em grupo fortalece os laços sociais e desenvolve o espírito de fraternidade entre os devotos³². A festa também é um momento em que as relações se modificam ou se invertem as tensões se minimizam, e as distâncias sociais são momentaneamente extintas, a festa é capaz de romper a ordem hierárquica social e fazer com que a realidade e ficção se misturam³³.

A festa religiosa também é um momento de se divertir, muitas pessoas estão ali não somente para rezar, mas também para se descontraírem, “a festa é um momento recreativo do ritual religioso”³⁴. É nesse contexto que parte da Rua Santos Dumont em Ponta Grossa é tomada por barracas de quermesse, e por um palco montado no meio da rua onde sobem cantores e tocadores, que vão entretendo os devotos que ali comem, catam, rezam, conversam, enfim se sociabilizam. Assim, percebemos que o lazer está intimamente ligado a esse espaço religioso.

Nesse mesmo contexto o vestuário do devoto se insere, sendo assim, faz parte que o mesmo, em dia de festa se vista de vermelho e branco (as cores que representam o Espírito Santo), pois as celebrações religiosas se dão em um determinado espaço, por um determinado grupo que se integram e juntos passam a legitimar enquanto comunidade religiosa suas escolhas.

Considerações Finais

As festas se tornaram elemento importante nas manifestações religiosas. Pois nelas, assim como na religião, o indivíduo desaparece no grupo e passa a ser uma expressão do coletivo, neste instante, são reafirmadas as crenças grupais e as regras, as quais tornaram possível a convivência na sociedade e nos espaços sagrados.

³² PELEGRINI Sandra C. A. & VILLANOVA, Wellington. **E dos Devotos do Espírito Santo. Fé e devoção:** o alimento sagrado na Festa do Divino em SP. PPHUEM: São Paulo. 2011. p.8.

³³ DITZEL, Carmencita de Mello. CHAVES, Niltonci Batista, JOHANSEN, Elizabeth (org). Cultura e Sociabilidade. **Fê, Fervor e Festa.** Visões de Ponta Grossa. Ponta Grossa. UEPG. Instituto Cidade Viva, 2003. p. p. 12-13.

³⁴ DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da Vida Religiosa.** São Paulo: Paulinas. 1989. p. 413.

A festa do Divino em Ponta Grossa costuma terminar por volta das 20h00, gradativamente parte dos fiéis volta para suas residências, os que permanecem no local ajudam a desmontar as barracas da quermesse, a tirar os enfeites das paredes, a desmontar o palco. Liberam a Rua Santos Dumont que volta a ter seu sentido normal, um espaço comercial. Ao fim da festa o devoto do Divino tem a certeza que o Espírito Santo o acompanha até sua casa, pois a sua parte foi cumprida, a festa foi realizada.

Através das fontes constatamos que mais que um momento de homenagear o Divino, a festa é um dos instantes em que a unidade da comunidade é assegurada, mesmo que momentaneamente, numa sincronização que se opõe a dispersão e a diversidade do cotidiano. Assim, a festa dedicada ao Divino em Ponta Grossa, tem função de solidificar essa devoção. Pois para os devotos esse é o momento mais importante das celebrações, porque neste instante todas as práticas dedicadas ao Espírito Santo podem ser realizadas. Desse modo, nesse dia festivo é possível rezar, cantar, beijar as bandeiras e caminhar com o Divino, enfim é dia de festar.

Outra conclusão que chegamos foi que a festa é apropriada pela Igreja que, efetivamente, determina os espaços de ocorrência e as formas de expressão da mesma, remete, portanto, para o entendimento do exercício dos poderes estabelecidos, do reconhecimento de papéis sociais, das hierarquias, mas também de que as pessoas tecem redes de sociabilidade, se envolvem e compartilham regras e valores que são socialmente construídos e reafirmados. Assim, foi possível perceber que o corpo de fiéis também possui um poder frente a essa instituição, pois esse poder foi reconhecido a partir do momento em que a igreja buscou essa aproximação, fazendo dessas festividades parte do calendário religioso institucionalizado

Referências Bibliográficas

ABREU, Martha Campos. **O império do Divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900). 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

BRANDÃO, Carlos R. **O Divino, o Santo e a Senhora**. Rio de Janeiro: FUNARTE. p. 45. 1978).

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 46.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. Abr.1991, vol.5, no.11, p.173-191.

DITZEL, Carmencita de Mello. CHAVES, Niltonci Batista, JOHANSEN, Elizabeth (org). Cultura e Sociabilidade. Fé, Fervor e Festa. **Visões de Ponta Grossa**. Ponta Grossa. UEPG. Instituto Cidade Viva, 2003.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Paulinas. 1989.

GIL, Silvio Fausto. Espaço de representação e territorialidade do sagrado: notas para uma teoria do fato religioso. **O Espaço Geográfico em Análise**. Curitiba, v. 3, n 3. p.p. 91-129. 2005. p. 100.

GONÇALVES. Maria Aparecida C. PINTO. Elisabete A. **Ponta Grossa um século de vida 1823-1923**. Castro. Kugler. 1983.

MAUSS, Marcel. A prece. In: **Sociologia e Antropologia**. V.2. São Paulo: EDUSP. 1979.

MARCHI. Euclides. O mito do Brasil católico: Dom Sebastião Leme e os contrapontos de um discurso. **Revista de História: Questões e Debates**. Curitiba:UFPR, n. 28. p.p. 55-74, 1998.

OLIVEIRA, José Cláudio de. **Ex-votos do Brasil**: Fragmentos da riqueza, diversidade e curiosidade da religião do povo. UFBa: Salvador. 2008.

PELEGRINI Sandra C. A. & VILLANOVA, Wellington. **E dos Devotos do Espírito Santo. Fé e devoção**: o alimento sagrado na Festa do Divino em SP. PPHUEM: São Paulo. 2011.

PETRUSKI, Maura R. Eu oro, Tu oras, Eles oram para Corina Portugal. **Revista Brasileira de História das Religiões/ ANPUH**. N. 12. Janeiro de 2012.

SCHNEIDER, Marília. **Memória e História**: misticismo, santidade e milagre em São Paulo. São Paulo: T. A Queiroz, 2001.